

HIPERGENERALIZAÇÃO DA ESTRATÉGIA DE LEITURA INSPECIONAL APLICADA A TEXTOS VARIADOS¹

Neires Maria Soldatelli PAVIANI (UCS)²
Samira Dall AGNOL (UCS)³

RESUMO: A partir da análise dos dados de uma pesquisa realizada na Universidade de Caxias do Sul, destaca-se a utilização em demasia da estratégia inspecional de leitura, desconsiderando tanto outras estratégias de leitura, as quais poderiam proporcionar uma leitura mais apurada e proficiente. Os dados revelam que o nível de interpretação holística dos textos não passou de 40% de adequação, o que denota uma utilização inapropriada da estratégia de leitura. Pretende-se destacar os diferentes níveis de leitura e algumas estratégias que possam auxiliar numa leitura mais proficiente. As contribuições desse artigo buscam subsidiar os docentes envolvidos na formação de leitores críticos e autônomos.

PALAVRAS-CHAVE: estratégias de leitura, hipergeneralização, proficiência em leitura

ABSTRACT: From the analysis of the data of a research carried through in the Universidade de Caxias do Sul, it is distinguished in such a way use in surplus of the inspecional strategy of reading, disrespecting other strategies of reading, which could provide a more refined and proficient reading. The data had revealed that the level of holistic interpretation of the texts did not pass of 40% of adequacy, what denotes an inadequation of the reading strategy. It is intended to highlight the different levels of reading and some strategies that can assist in a more proficient reading. The contributions of this article try to subsidize the involved professors in the formation of critical and independent readers.

KEY-WORDS: reading strategies, hipergeneralization, reading proficiency

1. Introdução

Iniciar-se na habilidade de ler, em uma atividade acadêmica, pressupõe que o leitor tenha um grau mínimo de proficiência em leitura e de conhecimento do que esse ato envolve. Considerando-se a pluralidade de perspectivas e de propósitos das estratégias de leitura, é possível que um leitor comum não tenha presente, como algo consciente, os níveis de exigência de leitura dos textos. Porém, o que se espera de alunos universitários é que eles dominem as várias estratégias de leitura, dada a natureza das habilidades lingüísticas, textuais e discursivas, exigidas tanto na recepção quanto na produção de textos científicos. No entanto, isso parece não se confirmar, conforme dados levantados no *corpus* de pesquisa do projeto *Diagnóstico da competência de leitura na interpretação de texto argumentativo e explicativo de alunos universitários* - TEAR 1, que trata de verificar o desempenho de alunos universitários em leitura. Os conceitos de leitura “inspecional”, “analítica” e “sintópica”, na perspectiva de Adler e Dorem, (1990), são uma forma de classificar a leitura em níveis cumulativos, ou seja, o elementar (o da alfabetização), o inspecional (o da contextualização, informações breves), o analítico (o da relação de idéias, conceitos) e o sintópico (o das interpretações e generalizações). O propósito deste texto é tentar verificar as razões que levam alunos universitários a fazerem basicamente hipergeneralização da estratégia de leitura “inspecional”. aplicada a textos variados, e também, além de examinar, no desempenho desses acadêmicos, resultados da

¹ Texto elaborado para ser apresentado no XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística – XI SILEL – Universidade Federal de Uberlândia, nos dias 22 a 24 de novembro de 2006. Este artigo é resultante de discussões em grupo dos Projetos de pesquisa TEAR I, II e III, desenvolvidos no Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul - RS, cujos componentes são as professoras Ms. Niura Maria Fontana (Coordenadora), Ms. Isabel Maria Paese Pressanto (Colaboradora), Dr. Neires Maria Soldatelli Paviani (Colaboradora) e as bolsistas Samira Dall Agnol (Mestranda em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul), Graziela Turella (bolsista BIC/UCS), Silvia Duso (bolsista Brusai), Marinilde de Castilhos (bolsista FAPERGS).

² Professora no Departamento de Letras e no Programa do Mestrado em Letras e Cultura Regional, da Universidade de Caxias do Sul. (jpaviani@terra.com.br)

³ Mestranda do Programa do Mestrado em Letras e Cultura Regional, da Universidade de Caxias do Sul. (samidagnol@yahoo.com.br)

aplicação dessa estratégia, chamar atenção para os diferentes níveis de leitura e para as estratégias adequadas que possam contribuir para uma leitura mais efetiva de textos de natureza diversa. Afinal, é sabido que cada texto exigirá de seu leitor estratégias específicas de leitura, observando, além de aspectos intrínsecos da natureza de cada texto, os objetivos de leitura para aquele texto a ser lido.

Para este estudo, parte-se das discussões propostas por Vanoye (1982), Gianetti (1997), Adler e Doren (1990), Marcuschi (1999), Schopenhauer (2005), entre outros. A postura teórica adotada viabiliza a construção de relações entre leitura e constituição do sujeito, estratégias de leitura e proficiência do leitor e participação social. As contribuições desta reflexão visam não somente aos leitores proficientes, mas, de forma especial, aos docentes envolvidos na formação de leitores críticos e autônomos.

2. Razões do uso da hipergeneralização da estratégia de leitura inspecional

Schopenhauer (2005), mesmo tratando basicamente, em seu livro *Sobre o ofício do escritor*, das habilidades de um escritor, faz menção em algumas passagens às habilidades de um leitor. Com relação aos textos escritos, as proporções parecem se equivaler, se, de um lado, há escritores “escrivinhadores”, como ele denomina os que escrevem de forma confusa, que “tornam freqüentemente difícil extrair daquilo que tratam o que querem de fato” (Idem, p.30), há, de outro lado, leitores que não se esforçam para ler atentamente o texto.

A percepção e o entendimento do que foi lido também podem estar mais centrados nos interesses e nos objetivos de quem lê o texto. Claudio de Moura Castro, no ensaio *Da arte brasileira de ler o que não está escrito*, da *Veja* (18/10/1997, p.142), fala da capacidade de o leitor ao ler, entender o que não está escrito, sendo possível pensar que os leitores ‘lêem’ do texto muito mais o conhecimento prévio sobre o assunto do que realmente a questão sobre a qual trata o texto. Diz que

É preocupante ver a liberdade com que alguns leitores interpretam os textos. [...] Há os que adivinham as entrelinhas, ignorando as linhas. [...] Meus comentaristas escrevem corretamente, não pecam contra a ortografia [...] Contudo, alguns não sabem ler. Sua imaginação criativa não se detém sobre a aborrecida lógica do texto. É a vitória da semiótica sobre a semântica.(Idem)

Além do que, sobre os efeitos que um texto pode suscitar no leitor, dependendo dos interesses que esse tem, diz Schopenhauer (2005, p.37), que o texto mais primoroso também pode resultar subjetivamente enfadonho para este ou aquele leitor, assim como inversamente, a pior obra pode ser subjetivamente divertida para este ou aquele, uma vez que seu interesse se volta mais para o objeto ou para o autor.

Uma das hipóteses que pode justificar a hipergeneralização da estratégia de leitura inspecional talvez seja a de que: “as pessoas que lêem sempre apenas as ‘novidades’, em vez das melhores obras de todos os tempos. Os escritores permanecem no âmbito restrito das idéias circulantes [...] Por isso, no que concerne à nossa leitura, a arte de ‘não’ ler é de máxima importância” (Idem, 2005, p.101).

Quanto aos critérios de seleção do que ler, o autor observa que “o público [...] quer ler apenas as obras que acabaram de ser impressas [...] porque uma cabeça superficial hodierna lhe é mais homogênea e agradável do que os pensamentos de um espírito” (p.102). E em outra passagem, o autor diz que “é inacreditável a tolice e a improcedência do público, que deixa de ler aqueles que, em todos os gêneros, são os espíritos mais nobres e raros de todos os tempos e países, para ler as escrivinhações diárias dessas cabeças comuns” (Idem, p.103).

A maior receptividade ao texto de fácil compreensão nem sempre garante ao leitor maiores contribuições, geralmente é uma leitura que acrescenta pouco. Às vezes uma leitura que exige mais do leitor, também acrescenta mais. Nessa perspectiva, Vanoye (1982, p.197), ao mostrar que é importante para quem escreve ter presente seu público, afirma o seguinte: “quanto mais densa e original for uma mensagem, mais dificuldade se terá em recebê-la. Diz muita coisa a pouca gente. Quanto mais pobre e banal for a mensagem, mais facilmente será recebida. Diz pouca coisa a muita gente.”

Apesar da crítica ferrenha de Schopenhauer aos leitores atuais, deve-se levar em conta que talvez nem os interesses nem os objetivos desses leitores estejam voltados para os grandes autores aos quais o autor faz menção. Uma das possíveis razões poderia ser a de que esses mesmos leitores não tenham um percurso de leitura que lhes permita transitar ‘prazerosamente’ por tais obras, optando pela leitura de materiais periódicos, sobre os quais a estratégia inspecional de leitura pode ser utilizada produzindo resultados melhores do que se fosse aplicada a um texto científico, filosófico ou literário.

Sobre a questão da relação leitor e texto, Giannetti (1997, p.12) procura diferenciar propósitos de leitura de texto técnico da leitura de texto literário ou filosófico, ao dizer que

a leitura de um texto é a ocasião de um encontro. Quando o teor do trabalho é predominantemente técnico ou factual, os termos de troca entre autor e leitor tendem a ser claros e bem definidos: o que um oferece ou o outro busca na leitura são informações relevantes e ferramentas para a obtenção de novos resultados. O contato entre as mentes é de superfície e o grau de assimilação dos conteúdos é mensurável.

Entre alunos universitários, no caso ingressantes, pela forma como se comportam em relação aos textos, parece que não fazem distinções de níveis de leitura, nem de gêneros textuais, nem de textos de natureza diversa. Esse comportamento revela uma formação do leitor que deixa a desejar, como diz Cláudio de Moura Castro (*Veja*, 6/3/2002), no texto 'O Brasil lê mal': "nossa incapacidade de decifrar um texto escrito não se deve à pobreza, mas a um erro sistêmico. Estamos ensinando sistematicamente errado". Ensinamos a ler monotonicamente como se todas as leituras e os textos fossem iguais. Geralmente a leitura é feita pela leitura. Não se estabelecem os propósitos de leitura. Os propósitos são definidores de estratégias de leitura, ou seja, um dos critérios de seleção de estratégias de leitura são os objetivos do leitor frente ao texto a ser lido.

O objetivo de leitura serve de norte para que o desejo de ler supra a necessidade de conhecer, de descobrir o que está 'escondido' em cada texto. Os conceitos que envolvem o ato de ler se pressupõem, são inseparáveis. Didaticamente, procura-se distingui-los, mas na verdade eles estão imbricados, por que o que, afinal, mobiliza o leitor a ler? A necessidade, o desejo, o objetivo, o interesse? A necessidade existiria em função de uma carência? O desejo, em função de satisfazer algo? O objetivo, em função de atingir um alvo, um ponto? O interesse, em função de envolver-se com/ ser entre as coisas? O que vem antes e o que vem depois? Ou ocorrem todos ao mesmo tempo? Esses questionamentos mostram que ler não é um ato simples, pelo contrário, de extrema complexidade e essa, por sua vez, atinge todos os níveis de leitura e é proporcional às condições de cada leitor. Tornar isso tudo presente, consciente e de domínio cognitivo do leitor, talvez seja uma estratégia eficaz para o professor lidar com problemas de leitura.

3. Efeitos da hipergeneralização de estratégia de leitura inspecional no desempenho de alunos universitários

Assim, como Giannetti enfatiza a importância dos objetivos de leitura, Adler e Doren (1990) também pensam que o objetivo do leitor é determinante para definir resultados de leitura. Os autores afirmam que o objetivo do leitor seja de entretenimento, seja de informação ou compreensão - define seu modo de ler. A eficiência da sua leitura resulta do "grau de esforço e de *habilidade aplicados à mesma*" (Idem, p.25). Segundo eles, a regra é a seguinte: "quanto maior o esforço, melhor", mais proficiente será o leitor e maior domínio terá sobre o uso das estratégias.

Adler e Doren chamam atenção para a necessidade de compreender as diferenças entre os níveis de leitura para poder dominar a arte de ler. Segundo esses autores, existem quatro níveis de leitura, sendo que os mais altos não excluem os mais baixos, portanto são cumulativos: leitura elementar, leitura inspecional, leitura analítica e leitura sintópica. Destacaremos, neste artigo, o nível de leitura inspecional, para analisar a tendência de estudantes universitários a fazerem hipergeneralização dessa estratégia aplicada a textos diversos.

Na perspectiva desses autores (1990, p.26), o nível de

Leitura Inspecional caracteriza-se por uma ênfase especial no tempo de leitura. Neste nível, o estudante tem um tempo determinado para ler uma certa quantidade de material [...], cujo objetivo é extrair o máximo de um livro num tempo determinado [...]. Outro nome para este nível pode ser folheio ou pré-leitura. Entretanto, não se trata da leitura superficial que consiste em folhear ao acaso ou distraidamente um livro. A leitura inspecional é a arte do 'folheio sistemático'.

Esse nível, segundo os autores, tem por objetivo examinar a superfície do livro "e tudo o que ela pode ensinar", que é muita coisa. Dizem que as perguntas que podem ser feitas ao texto, são, entre outras: Do que ele trata? Qual a sua estrutura? Quais são as suas partes? Nesse nível, por mais rápida que possa ser a leitura, ela permite ao leitor responder a tais perguntas. O fato de as pessoas em geral, em função do pouco tempo, lerem às pressas faz com que se acostumem a fazer leituras rápidas que, às vezes, não vão além das

manchetes. Esta é uma hipótese que nos leva a examinar por que determinados alunos universitários estejam propensos a esse nível de leitura, que os faz ter uma vaga idéia do texto, permitindo-se a fazer associações a partir do que já sabem do assunto, não se atendo, portanto, ao que o texto exatamente diz. Por dedução, lêem o que sabem, não o que o texto versa.

Por outro lado, dizem Adler e Doren que “a maioria das pessoas [...] desconhece o valor dessa leitura inspecional”, pois ela prepara o leitor para os outros níveis que a pressupõem. Eles recomendam não queimar etapas nem pretender atingir o grau máximo de leitura de um texto aplicando apenas essa estratégia. E alertam que dificilmente um leitor chegará à compreensão de um texto permanecendo nesse nível, precisa avançar, aplicar outras estratégias como a de “Leitura Analítica” que, segundo eles, é a mais completa, “é sempre intensamente ativa [...] *destina-se exclusivamente à compreensão*”, e a “Leitura Sintópica” é a que mais exige do leitor “mesmo quando o material de leitura é relativamente fácil e simples”, pois exige que o leitor, ao ler vários livros ou textos, conheça o assunto básico de todos e saiba relacioná-los entre si. Não se trata de o leitor fazer uma mera comparação de textos, mas de poder “chegar a uma análise do assunto que não se encontra em nenhum dos livros lidos comparativamente” (p.28). Em outros termos, o leitor, nesse nível de leitura, por ser mais exigente e mais trabalhoso, tem condições de fazer generalizações, caso contrário elas são infundáveis.

A estratégia de leitura inspecional é um nível de leitura perfeitamente adequado aos propósitos de quem lê rapidamente os dados principais da obra (título, editora, ano de publicação, sumário, orelha do livro, texto da contracapa, referências, gênero de texto, etc.) para obter informações com a intenção de ter uma idéia e assim poder decidir, entre outras coisas, se a lerá, se a estudará, se a consultará, se a adquirirá, se a presenteará a alguém, etc.

Um leitor ingênuo talvez seja aquele que esteja tomando em sentido literal tudo o que lê, do tipo “pão pão, queijo queijo”. Aceita essa reprodução de modo literal, percebendo as representações sem qualquer mediação, ou seja, elas são tal qual se revelam a ele. Para ilustrar esse tipo de leitor, destacamos o depoimento de um aluno universitário, que, ao ler o artigo ‘Ler não serve para nada’, de Mainardi (*Veja*, 28 de março de 2001, p.171) apresenta esse nível de compreensão de texto. A atividade do aluno de resenhar textos lidos revela que ele não captou o sentido irônico usado pelo autor. O acadêmico comenta, em seu texto resenha referindo-se ao texto de Mainardi, que o autor afirma que ler não serve para nada, porque, no artigo, Mainardi claramente diz:

o hábito de leitura constitui o maior obstáculo para a ascensão social e o poder pessoal no Brasil. Não é um acaso que aqueles que vivem do livro - os escritores - se encontrem no patamar mais baixo de nossa escala social. [...] De fato, basta entrar [...] numa universidade... para ver que todos os presentes têm verdadeira aversão por livros. Eles sabem que livros não ajudam a conquistar poder, dinheiro e respeitabilidade. Livros só atrapalham. Criam espíritos perdedores. Provocam isolamento, frustração, resignação. [...] (R.C., 2004).

E o aluno acrescenta em sua resenha: “Além do mais, o autor [MAINARDI, *Veja*, 28.03.2001] coloca da sua experiência como leitor, quando diz:

‘Desde que comecei a ler, virei um frouxo, um molenga. Com o passar dos anos, foram-se embora todas as minhas ambições. Tudo porque os livros me colocaram no devido lugar. [...] Dê uma olhada nas pessoas de sucesso que aparecem nas páginas desta revista. É fácil perceber que nenhuma delas precisou ler para subir na vida’.” (R.C., 2004)

O entendimento que o aluno fez desse texto leva-nos a pensar que ele, provavelmente, não tenha lido o texto na íntegra, que tenha usado a estratégia de leitura inspecional, ou seja, tenha lido só algumas passagens, ao acaso, sem perceber a crítica que Mainardi estava fazendo ao documento “Como tornar o Brasil uma nação letrada?”, de Ottaviano Carlo de Fiore, então, Secretário do Livro e Leitura do MEC, cuja tarefa é de “acompanhar, avaliar e sugerir alternativas para as políticas do livro, da leitura e da biblioteca” (MAINARDI, *Veja*, 28.03.2001). Em síntese, segundo Mainardi, esse documento de Fiore reitera que políticos, estrelas, professores, jornalistas, entre outros bem sucedidos, propaguem a importância e a necessidade da leitura, “assim como a ascensão social e o poder pessoal que o hábito de ler confere às pessoas” (MAINARDI, *Veja*, 28.03.2001). Parece-nos que o aluno não entendeu a crítica de Mainardi, a qual nem é sutil, e, assim, tenha inferido o que inferiu, ou seja, que o autor é contra a leitura. A resenha do aluno destaca Mainardi como um autor com posicionamento contrário em relação aos demais resenhados sobre o tema leitura.

Interpretações, como essa registrada na resenha do aluno que utilizam em demasia a estratégia de leitura inspecional, também foram verificadas no *corpus* da pesquisa TEAR 1, cuja metodologia consistiu em aplicar dois instrumentos: um questionário socioeconômico-cultural e um teste de leitura. O teste de leitura é composto de duas etapas: a da pré-leitura, para ativar o conhecimento prévio do aluno, e a da leitura de dois textos. Nessa etapa, para cada um dos textos, o teste construiu uma média de quatro questões com retrospectiva para cada uma das seis partes com propósitos específicos, verificar, respectivamente, as competências: gramatical, textual, funcional, sociolingüística, domínio cognitivo e interpretação. Este texto trata especificamente do desempenho dos aprendizes na Parte VI cujas questões procuram verificar a competência de leitura interpretativa dos textos selecionados para os testes. Por exemplo, em relação aos textos “Na corda bamba” (*Superinteressante* dez, 2001), gênero reportagem, de predominância explicativa, e “O último da fila” (*Zero Hora*, 06.12.2001), gênero editorial, predominantemente argumentativo, os dados coletados desses aprendizes mostram uma tendência do uso da hipergeneralização da estratégia de leitura inspecional. Isso fica mais evidente, principalmente, nas tarefas de interpretação holística, nas quais os sujeitos precisavam mostrar habilidades de compreensão, entendimento, inferência e interpretação do texto, ou seja, nas questões que exigiam habilidades cognitivas.

As questões dos testes de leitura selecionadas para esta análise apresentam de forma saliente a utilização da estratégia inspecional de leitura, além de um baixo índice de adequação das respostas, conseqüentemente sinalizando problemas na habilidade de identificação da idéia central e na habilidade de estabelecer relações.

Para auxiliar na compreensão dos exemplos e da análise que segue, os textos que serviram de base para os testes de leitura estão resumidos a seguir. A reportagem intitulada ‘Na corda bamba’ explora a questão do equilíbrio ecológico do Pantanal, apresentando as riquezas que compõem a fauna e a flora pantaneira como também as diferentes formas de agressão causadas pelo homem à região. No entanto, a idéia de desenvolvimento sustentável perpassa todo o texto, reforçando que o Pantanal pode ser explorado mas, ao mesmo tempo, deve ser conservado, ou seja, deve haver um equilíbrio entre a exploração e a manutenção das riquezas naturais. Já o editorial ‘O último da fila’ apresenta o resultado de uma pesquisa feita pelo Pisa sobre o desempenho em leitura de alunos de 15 anos de idade, em 32 nações, dentre as quais, os adolescentes brasileiros ficaram em última colocação. No entanto, o texto pretende discorrer sobre o papel da escola na formação de leitores como também sobre algumas políticas federais de incentivo à leitura.

A primeira questão (da Parte VI) referente à interpretação holística, na qual os alunos deveriam responder “Qual é a pergunta fundamental que é respondida no texto?”, apenas 02 aprendizes (numa amostra de 144) responderam adequadamente, em relação à reportagem: “*Porque (sic) o Pantanal está na corda bamba?*” (A 75); “*Responde o porque (sic) o Pantanal corre tanto risco.*” (A 77); o que revela um nível bastante insuficiente nessa habilidade, nesse aspecto. Abaixo estão elencados alguns exemplos de respostas que podem ser consideradas inadequadas, porque não atendem à especificidade da questão, as quais mostram a ampla utilização da estratégia inspecional (noções breves e superficiais) de leitura como também a imposição do conhecimento prévio em detrimento à idéia do texto: “*Como anda a preservação do ecossistema brasileiro.*” (A 06); “*O desmatamento.*” (A 28); “*O equilíbrio ecológico.*” (A 34); “*Como poderia ser resolvida a questão das enchentes?*” (A 63); “*A paisagem do Pantanal e (sic) tão frágil quanto fundamental para a biodiversidade brasileira.*” (A 72); “*Até quando conseguiremos manter essa enorme estrutura do Pantanal?*” (A 134).

Em relação ao editorial, 21 dos 144 aprendizes responderam adequadamente à mesma questão, atendendo a uma resposta aproximada à resposta esperada: “A escola precisa incentivar a leitura” ou que “A escola tem a função primordial de incentivar a leitura”, os demais e, principalmente, numa situação inversa, 25 de 144 alunos não conseguiram identificar a idéia fundamental. Foram selecionados alguns exemplos de respostas inadequadas que apresentam idéias vagas, incompreensíveis e, às vezes, incoerentes: “*Ler.*” (A 14); “*Leitura e absorção de idéias principais.*” (A 17); “*A leitura.*” (A 20,34,44,48,51,52,82,94); “*Educação no Brasil.*” (A 21,32); “*Educação*” (A 22,72); “*A reversão da atual condição do Brasil, de o último colocado na fila dos países pesquisados a nível de educação.*” (A 61); “*Aumentar o conhecimento do leitor em relação a (sic) educação e a (sic) leitura.*” (A 63); “*Para haver desenvolvimento econômico tem que haver desenvolvimento cultural.*” (A 74); “*Procurar uma forma de reverter a situação.*” (A 88); “*A importância do ensino.*” (A 115); “*Escolas oficiais e privadas, pouco interesse no futuro.*” (A 130); “*De que algo deve ser feito imediatamente.*” (A 134). Os percentuais correspondentes a ambos os gêneros podem ser visualizados na tabela abaixo:

Questão 1: Qual é a pergunta fundamental respondida no texto?

Gênero	Adequadas	Parcialmente adequadas	Inadequadas	Não respondeu/ Não sabe/ Não-pertinente
Reportagem	1,4%	57,6%	38,2%	2,8%
Editorial	16,7%	60,5%	23%	0%

Por essas respostas dadas à questão, tanto sobre a reportagem quanto sobre o editorial, é possível identificar problemas em compreender e interpretar o texto, ou seja, em identificar a idéia fundamental. Uma das hipóteses que se pode levantar é de que boa parte dos alunos deteve-se em idéias vagas ou secundárias, demonstrando ter um desempenho semelhante ao dos alunos diagnosticados pelo Pisa, cujo texto editorial “O último da fila” foi objeto de estudo e que diz o seguinte: “em uma das questões de múltipla escolha, o texto informava explicitamente que uma enfermeira aplicaria uma vacina nos funcionários da empresa. Apesar disso, 27% dos adolescentes brasileiros responderam que a vacina seria aplicada por um médico”. Segundo os técnicos do Pisa, essa questão não exigia tanto, senão mais que uma leitura atenta do texto. Assim, como para os sujeitos da pesquisa realizada pelo Pisa não houve distinções entre a enfermeira e o médico, afinal, são profissionais afins, da mesma área, é possível inferir que os aprendizes da pesquisa TEAR 1, também, por associação “leitura” e “educação”, aplicaram uma hipergeneralização da estratégia de leitura inspecional, atribuindo ao texto o que sabem sobre o assunto sem se deterem ao que o texto realmente diz.

A segunda questão analisada foi a que mais apresentou resultados insatisfatórios, sendo que apenas 01 sujeito (numa amostra de 144) conseguiu respondê-la adequadamente, no que se refere à reportagem. A pergunta requisitava o estabelecimento da relação entre título e texto, expressa da seguinte forma: “Explique a relação que existe entre o título ‘Na corda bamba’ e o texto.” A resposta adequada foi articulada da seguinte maneira: “O título e o texto praticamente falam da mesma coisa o pantanal (sic) é frágil e deve ser cuidado muito bem.” (A 63). Os exemplos selecionados das respostas inadequadas revelam que, para esses alunos, é bastante exigente estabelecer relações desse tipo. Outra dificuldade também foi notada quando alguns sujeitos compreenderam o título de forma literal, assim como mostram os exemplos: “Na corda bamba e o Pantanal tem que ser cuidado.” (A 14); “O governo fica na ‘corda bamba’ sabe que é errado destruir e deixar destruir, mas o faz em nome do progresso.” (A 45); “Que tem que estar se equilibrando sempre para não cair.” (A 54); “Em cima de um precipício.” (A 56); “A autora coloca no título, o que tenta defender no texto que é a destruição do Pantanal.” (A 116).

Em relação ao editorial, para mesma questão “Explique a relação que existe entre o título ‘O último da fila’ e o texto”, a resposta esperada seria a relação explícita entre o título e a colocação do Brasil na pesquisa do Pisa (pesquisa sobre leitura), porém apenas 06 alunos (da amostra de 144) conseguiram estabelecer a relação. Grande parte (37 alunos de 144), numa situação oposta, respondeu das seguintes formas: “O grande fracasso e a falta de conhecimento do nosso povo.” (A 22); “Situação precária em relação o (sic) título ‘O último da fila’.” (A 26); “O Brasil está perdendo no podium em literatura.” (A 29); “O Brasil esta (sic) muito longe de ser um país de primeiro mundo.” (A 56); “É uma relação compatível.” (A 80); “Que a educação está em último lugar aqui no Brasil.” (A 86); “O Brasil é o país que menos compreende.” (A 90); “Situa mais ou menos a situação do Brasil.” (A 94); “Se não se der um passo a frente, os atras (sic) passam a nossa frente.” (A 104); “Por que (sic) a educação é fraca.” (A 119). Os percentuais abaixo são referentes a ambos os gêneros em relação à questão proposta.

Questão 2: Qual é a relação entre título e texto?

Gênero	Adequadas	Parcialmente adequadas	Inadequadas	Não respondeu/ Não sabe/ Não-pertinente
Reportagem	0,7%	82%	3,5%	13,9%
Editorial	4,9%	68,7%	25,7%	0,7%

Nota-se, também nessa questão, os baixos índices de respostas adequadas, o que revela dificuldades no estabelecimento de relação entre título e texto. De acordo com Menegassi e Chaves (2000), o título estabelece vínculos com informações intra e extratextuais, contribuindo para orientar a interpretação. O conteúdo temático de um texto é expresso, freqüentemente, através do título, o qual, por sua vez, pode servir

como uma estratégia de leitura para a compreensão do tema do texto (KLEIMAN, 1993 *apud* MENEGASSI E CHAVES, 2000).

A grande maioria dos aprendizes limitou-se a identificar um dos elementos da relação (ou o título ou o conteúdo do texto), não articulando de forma explícita essa conexão. Um outro problema verificado nessa questão foi o de que ou os alunos compreenderam o título de forma literal (caso da reportagem) ou aplicaram uma hipergeneralização do tema partindo dos conhecimentos prévios que tinham sobre o mesmo.

4. Níveis de leitura e estratégias adequadas a textos de natureza diversa

Como é possível perceber, a partir dos exemplos extraídos do *corpus* da pesquisa TEAR 1, os alunos utilizam estratégias de leitura semelhantes para dois textos de natureza diversa. Ou seja, tanto o editorial quanto a reportagem foram lidos da mesma forma, sem que fossem considerados os propósitos comunicativos de cada gênero, o que resultou em uma leitura superficial de ambos, mas, em especial, do editorial, o qual, por natureza, tem um cunho mais argumentativo e reflexivo do que a reportagem.

Isso mostra que esses alunos não conseguiram fazer uma leitura do texto como todo, identificando o gênero discursivo, os propósitos comunicativos. Não conseguiram fazer uma leitura mais ampla, enfim que não se restringisse a parágrafos ou a frases, mas que considerasse cada texto como uma situação comunicativa, inserida em um contexto discursivo e com objetivos específicos. É importante considerar-se, no entanto, que os textos lidos por esses aprendizes faziam parte de um teste de leitura, portanto, o propósito comunicativo predominante estava relacionado à avaliação e não ao propósito comunicativo que os mesmos textos teriam em seus veículos originais (jornal e revista). Outra consideração a ser feita envolve a não intervenção do professor nesses testes aplicados, sendo assim, o aluno precisou aproximar-se do texto de forma individual, solitária, sem a mediação do professor.

A hipótese do fator tempo de leitura interferindo no processo de compreensão do texto pode ser considerada em parte como uma variável questionável, por se tratar de as respostas, aqui analisadas, constituírem a Parte VI dos testes, portanto, as últimas questões. Ou seja, depois de o aluno ter voltado aos textos por várias vezes para responder questões (lingüísticas, macro e microtextuais, referenciais e cognitivas) das outras cinco partes. Era de se esperar, como decorrência, que ele tivesse um desempenho melhor nas questões de compreensão e de interpretação.

Para aprimorar as habilidades de identificar a idéia central e promover a relação entre texto e título seria necessário desenvolver estratégias de pré-leitura explorando o título, numa forma de prever o conteúdo do texto ou ainda de busca de elementos formais que possam ser relacionados ao título, promovendo a identificação da temática e a compreensão do texto. A fim de aprimorar as habilidades de leitura e também garantir uma proficiência maior em leitura dos alunos, é possível utilizarem-se como estratégias de leitura (New directions in reading instruction, *Lectura y vida*, 2000):

- a antecipação de significados, através da experiência prévia (inclusive outras leituras) e das informações fornecidas pelo texto;
- a seleção de um objetivo ou propósito, distinguindo a profundidade e a demanda da leitura a partir da meta que se pretende alcançar;
- o estabelecimento de relações pessoais com a leitura, tornando-a parte de suas experiências e conhecimento prévio para leituras posteriores. (Nesse sentido, é importante ter critérios na seleção de textos, para que estes não sejam simplesmente impostos pela escola);
- a negociação de significados integrando diferentes fontes de informação, tais como o conhecimento prévio, a linguagem, os significados das palavras e a informação visual do texto;
- o estabelecimento de relações de sentido a partir do texto, buscando sempre construir sentido quando a leitura é realizada;
- a construção de paráfrases (mentais ou escritas) durante a leitura, a fim de garantir uma compreensão mais apurada do texto.

Essas são apenas algumas das estratégias de leitura que podem promover um aprimoramento no desempenho em leitura dos alunos, o que, por sua vez, pode colaborar para o aperfeiçoamento de habilidades próprias de sua área de formação, já que, estando na universidade, buscam um conhecimento específico em uma área de atuação.

5. Considerações finais

Percebe-se nessas atividades de estudo e compreensão de textos que o desempenho dos alunos é melhor em questões de argumentação genérica do que na demonstração de que compreenderam o texto.

Disso se pode depreender que a leitura do aluno não chega a ser um processo de interação com o texto. Eles fogem pela tangente e associam a visão de mundo, as experiências de vida, os conhecimentos e crenças que têm como base para inferências (MARCUSCHI, 1999) que fazem, sem interagirem com o texto, sem se deterem ao que exatamente diz o texto.

Essa falta de intimidade com a leitura de textos de natureza diversa pode estar vinculada, entre outros fatores, com a formação dos leitores em seus primeiros estágios, ou seja, ainda na escola fundamental e essa responsabilidade recai sobre os professores, formadores de leitores, os quais, precisam não apenas falar sobre a importância da leitura, mas ser leitores efetivos, ter um vínculo forte com a leitura, sentir e conseguir *espalhar* o prazer e os benefícios que a leitura proporciona. O professor, leitor proficiente em diversos gêneros textuais, terá mais trânsito para ensinar seus alunos a lerem melhor cada um dos gêneros, sem se restringir a gêneros escolares, mas aos gêneros utilizados socialmente, com propósitos comunicativos concretos e socialmente instituídos.

É praticamente impossível fugir ao ato de interpretar nas leituras que são feitas tanto dos fatos da vida cotidiana quanto de textos. E se compreender é uma forma de saber o que dizem os fatos e os textos, o ato de interpretar, segundo Ricoeur (1977), permite-nos ir além do que é lido literalmente, do que é anunciado, enfim, é tentar elucidar o que não está explicitado. Tudo parece indicar, como já dissemos, que o aluno, aqui analisado, no momento da leitura, constrói interpretações, aplicando a hipergeneralização da estratégia inspecional de leitura em textos diversos, a partir de inferências (MARCUSCHI, 1999) que faz, mais com base nos seus saberes, nas suas experiências, no seu universo sociocultural, do que propriamente com base no sentido global do texto e, muito menos, do que procura desvendá-lo.

Diante disso, parece ser, entre outras, uma atitude adequada a de o professor utilizar-se de estratégias que favoreçam o andamento dos processos de interpretação, reduzindo as contingências (limitações) que surgem nas situações de interação entre leitor-texto. O apoio do aluno, nos possíveis debates, nas divergências em relação ao texto lido, é de sua responsabilidade. No momento oportuno, o professor interage mostrando as possibilidades de negociação interpessoal com o texto na problematização das questões, nas dificuldades de compreensão e de interpretação, no desenvolvimento, enfim, dessas habilidades cognitivas, normalmente exigidas dos jovens leitores no meio universitário.

6. Referências bibliográficas

ADLER, Mortimer I.; van DOREN. *Como ler um livro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

CASTRO, Cláudio de Moura. Da arte brasileira de ler o que não está escrito. *Veja*, 08 de outubro de 1997.

_____. O Brasil lê mal. *Veja*, 06 de março de 2002.

MAINARDI, Diogo. Ler não serve para nada, *Veja*, 28 de março de 2001, p.171.

MARCUSCHI, Luiz A. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir H. (org.). *Estado de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p. 95-124.

MENEGASSI, Renilson José; CHAVES, Maria Isabel Afonso. O título e sua função estratégica na articulação do texto. *Linguagem & Ensino*. v.3, n.1, 2000.

New directions in Reading Instruction (Revised) Newark, International Reading Association, 2000. Bess Hinson (editor) Orange Country Public School, Orlando, Florida, Estados Unidos. *Lectura y vida*. v.21, n2, jun. 2000.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o ofício do escritor*. Tradução (italiano) Eduardo Brandão, (alemão) Luís Sérgio Repa; revisão da tradução Karina Jannini; a presente tradução foi revista pelo organizador Franco Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Obras de Schopenhauer).